

Invasão da Funai foi armada por ex-funcionários

A Polícia Federal já tem informações de que a ocupação do gabinete do presidente da Funai, Márcio Santilli, por índios xavantes, há duas semanas, foi planejada por ex-funcionários do órgão afastados pelo presidente da fundação, Márcio Santilli, conforme denunciou o *Jornal de Brasília* no último dia 23. A PF ouviu informalmente índios que participaram do episódio, em que o presidente chegou a ser mantido como refém pelos xavantes na garagem da Funai, e tem em mãos uma carta dos índios pedindo ao ministro da Justiça, Nelson Jobim, a demissão de Santilli e a nomeação para a presidência da Funai de pessoas ligadas ao grupo que foi demitido. Dependendo da conclusão das investigações, os ex-funcionários poderão ser processados.

Na carta dirigida ao ministro Jobim, que as autoridades garantem não ter sido escrita pelos índios, há denúncias contra Santilli, que assumiu a presidência da Funai em setembro. "Somos todos vítimas de um homem mau, tirano, enganador e saguinário. Nossos irmãos têm pago com suas vidas, na defesa de suas terras contra invasores mandados pelo presidente da Funai", acusam os 32 índios que assinam o do-

cumento. Além das duras críticas a Santilli, os índios pedem ao ministro Jobim a nomeação de Francisco Cruz, ex-superintendente da Funai, para a presidência do órgão, e do coronel José Silvério da Silva, para a diretoria geral de assistência.

Demissões — As mudanças promovidas por Santilli na Funai estão atingindo especialmente as áreas administrativa e de assistência, com a demissão de ex-dirigentes, que há mais de 10 anos detinham o total controle sobre o repasse de recursos destinados ao órgão. Além disso, Santilli está remanejando os cargos de assessoramento superior não apenas na sede em Brasília, mas nas unidades regionais.

Um grupo de funcionários que Santilli designou no início do mês para a cidade de Redenção, no sul do Pará, também chegou a ser tomado como refém pelos índios caiapós, insatisfeitos com o afastamento dos antigos servidores.

A Polícia Federal também recebeu denúncias da Funai de que um grupo de funcionários do órgão estaria envolvido com contrabando de ouro e madeira, extraídos de reservas indígenas, com a anuência de alguns caciques, principalmente de Mato Grosso, Pará, Rondônia e Roraima.

Situação preocupa Nelson Jobim

O ministro da Justiça, Nelson Jobim, está preocupado com a situação da Funai, e defende o reforço da segurança na Funai para impedir novas reações por parte dos índios. Santilli, no entanto, disse ontem que prefere continuar o trabalho de reestruturação da Funai intensificando o diálogo com os índios. "A manipulação de índios por funcionários sempre aconteceu na Funai, mas por outro lado, os xavantes têm razão quando reivindicam programas de saúde e de demarcação de terras", afirma Santilli.

Entre alguns servidores do órgão, a posição é de desânimo. Mesmo reconhecendo que os índios

costumam ser manipulados por funcionários — lembrando as inúmeras invasões da sede do órgão nos últimos anos —, estes indigenistas apontam a falta crônica de recursos para prestar assistência aos índios e demarcar terras, como um estopim para reações violentas dos índios. O decreto assinado pelo presidente Fernando Henrique, que permite a revisão de áreas ainda não demarcadas, é apontado como outro ponto de atrito. O decreto é motivo de tensão nas áreas indígenas, como a dos índios caiapós e a dos macuxis, em Roraima. Até o dia 8 de abril, o Ministério da Justiça estará recebendo os recursos dos antigos proprietários dessas áreas.